

APRESENTAÇÃO

Teoria queer: uma introdução e desdobramentos

Ádamo da Veiga

Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5485-0073>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4983552520282395>

Thiago Rannieri

Doutor pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4399-2663>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5073249089832251>

Queer – Um termo anglófono, uma ofensa, um xingamento. Literalmente, estranho, diferente; o equivalente, para nós, de bicha, de viado. Uma torsão: da ofensa a um campo de estudos, de um xingamento a um termo com valência positiva. Uma apropriação. Inicialmente, o que se consolidou como teorias queer, se desenvolveu a partir da influência do feminismo lésbico, do pós-estruturalismo e dos estudos lésbicos e gays nos Estados Unidos, fortemente influenciado pela crise do HIV no final dos anos oitenta (Jagose 1996). Na torsão e na apropriação do *queer*, tratava-se, neste momento, de pensar, de narrar, de construir e desmontar aquilo que em termos de gênero e de sexualidade as normatividades que se colocam como eternas, naturais, imutáveis. Escavar a contingência naquilo que se opunha ao queer, às bichas, aos viados e mulheres como forma de desconstruí-lo em sua suposta normalidade. Poucas décadas depois, no entanto, os estudos queer se alargaram, indo para além das considerações de gênero e sexualidade, se transformando em uma poderosa ferramenta reflexiva cujo escopo não para de crescer. Para além do gênero e da sexualidade, os estudos queer nos permitem um novo olhar para questões como a crise climática, a configuração social do tempo, a relação entre vida e tecnologia, os princípios constitutivos da educação, o lugar subalterno do não humano na visão de mundo moderna, entre outras tantas linhas de investigação que só mostram o poder constantemente renovado destes estudos em resistir às normatividades morais, políticas e epistemológicas do presente. O presente dossiê se insere neste esforço, fazendo ressoar as vozes aqui escritas na grande polifonia dos



últimos anos que fez e faz soar novos ritmos contra a marcha estriada dos imperativos do mundo tal como se apresenta.

Este potencial crítico-reflexivo dos estudos queer, na segunda década do século XXI, se mostra cada vez mais necessário. No Brasil da última década, vimos ebulir das tensões mal resolvidas da nossa história, um movimento fascista que, por certo, tem como um dos seus núcleos o recrudescimento das velhas – e nunca derrotadas – normatividades de sexo, gênero e sexualidade. Encantados com a promessa de que meninos voltem a usar azul e meninas a usar rosa, milhões aderiram à extrema direita levando ao poder um governo desastroso que, se derrotado nas urnas, ainda paira como ameaça à nossa democracia e a todos os parcos ganhos sociais adquiridos nas últimas décadas. Este movimento anti-queer, poderoso e espreado pelo tecido social brasileiro, permanece entre nós e há de permanecer ainda por muito tempo. O grito angustiado do homem branco hétero que, aturdido, mistura a perda de direitos – fruto da gestão neoliberal da vida e do trabalho – com a perda de privilégios de raça, gênero e classe ainda pode ser ouvido (Nunes 2022). Contra este grito, faz-se necessária a invenção de novas canções, novos modos de existência capazes de se opor à barbárie em curso. Neste esforço de resistência, os estudos queer operam como uma arma e como uma ferramenta. Uma ferramenta que nos permite compreender as forças que subjazem a este mundo e pensar outros mundos possíveis nos interstícios do aqui e do agora. E também uma arma na medida que o pensamento que se rebela, no esforço mesmo de cavar o possível no presente reificado, serve a nada mais que à luta e à vida.

Queer – então. O que são os estudos queer? O que significa esta ofensa em língua estrangeira que se positiva em um campo multifacetado de estudos? Propomos, no que se segue, uma narrativa, uma história. Há muitas formas de introduzir o pensamento queer e suas dobras e desdobras. Não há um eixo único, nem caminho linear, mas uma miríade que se enlaça e se desenlaça em caminhos que se bifurcam. Diante desta pluralidade e da necessidade de fazer uma introdução, estabelecemos um recorte a título de ficção, construindo uma narrativa por sobre um mosaico complexo de pensamentos variados.



Queer – mais uma vez? A queeridade, por si, não pode ser nada, e, talvez, sendo nada, que ela seja tudo. Podemos afirmar que, nos mais diferentes modos em que se conceptualiza teoria queer, estudos queer, e queeridade, subjaz uma orientação comum: a desidentificação. Teoria queer é sobre estranhar, problematizar, torcer e rastrear as identidades constitutivas do mundo. Trata-se de, perante aquilo que parece natural e eterno, necessário e imutável, de revelar a contingência e a historicidade. Neste sentido, como coloca Lee Edelman, “a *queeridade* não pode definir identidades, ela pode tão-somente perturbá-las.” (EDELMAN 2020, 262). *Queer* não constitui, deste modo, uma identidade – não se refere aos LGBTs, às mulheres, se não na medida em que estes aportam algo de uma outra ordem: o puro deslocamento que faz da eternidade das identidades normativas o mero sopro de uma contingência. Que, enquanto tal, pode ser mudado e transformado.

Neste sentido, o trabalho de Michel Foucault que em muito influenciou os estudos queer é emblemático. Foucault situa o esforço crítico do pensamento precisamente em romper com as amarras do presente. O que ele chama de ontologia crítica de nós mesmos é precisamente este esforço de desnaturalizar o que somos – *desidentificação* – para que possamos nos tornar outros. Foucault escreve: “É preciso considerar a ontologia crítica de nós mesmos não certamente como uma teoria, uma doutrina, nem mesmo como um corpo permanente de saber que se acumula; é preciso concebê-la como uma atitude, um *êthos*. uma via filosófica em que a crítica do que somos é simultaneamente análise histórica dos limites que nos são colocados e prova de sua ultrapassagem possível.” (Foucault 1984, 351). Os estudos queer se situam neste esforço de ultrapassagem em direção a um porvir que deve ser da ordem de um devir outro. E o próprio Foucault em toda sua obra não procedeu diferentemente. Na sua célebre “História da sexualidade” (1988) – texto fundamental para os estudos queer posteriores – Foucault procede por demonstrar como noções como heterossexualidade e homossexualidade não correspondem a um dado natural, mas são instanciadas, de forma multidirecionada, em um jogo histórico perpassado por relações de poder e saber – tal como a própria noção, ainda tão cara a nós, de que o sexo guarda uma verdade inalienável sobre nós mesmos. Como podemos ver, trata-se não de defender qualquer



forma de identidade contranormativa, mas de desidentificar as identidades que nos parecem eternas e naturais.

Podemos entender que a queeridade, assim, não é nada de determinado, mas antes se reporta a um movimento de desidentificação. José Esteban Munoz, Lee Edelman, Judith Butler, Paul Preciado, Donna Haraway, Tereza de Lauretis, entre tantos outros, pensaram e escreveram sobre e neste movimento. Butler, neste sentido, escreve:

Se o termo *queer* deve ser um local de contestação coletiva, o ponto de partida para um conjunto de reflexões históricas e perspectivas futuras, ele terá que continuar a ser o que é no presente: um termo que nunca foi plenamente possuído, mas que é sempre e apenas apropriado, torcido, estranhado [*queered*] por um uso anterior que se orienta para propósitos políticos urgentes e expansivos. (Butler 2011, 173)

Ninguém é queer e todos somos queer. Ninguém é queer porque, na medida em que a queeridade se dá na desidentificação, não resta um sujeito, indivíduo ou eu ao qual poder-se-ia atribuir o predicado *queer*. Todos somos queer, porque aquilo que somos – a nossa identidade biográfica, sexual, de gênero, nacional, de classe e raça – não é. Toda identidade é desde sempre não-idêntica a si mesma. Está sempre fissurada por aquilo que Deleuze e Guattari (2012) chamam de *devir minoritário* – a potência da diferença que arrasta e infiltra a pretensa estabilidade de todos os edifícios identitários constituídos. Não há, como substância ou essência, o homem e a mulher, o hetero e o gay, o cis e o trans – por debaixo daquilo que nos parece estável, daquilo que podemos apontar o dedo e dizer “é isso”, há a turbulência de uma diferença da qual as identidades são meros epifenômenos, interrupções passageiras de um fluxo ou pequeno instante em um devir infinito. Alojarse nesta diferença, pensar a partir dela e com ela, é o que fazem os estudos queer. Por esta razão, como coloca muito bem Judith Butler na citação acima, o termo não pertence a ninguém, nem se prende a especificidade de um campo, de um problema ou de uma disciplina. Falar em estudos queer já é dar nome ao que escapa ao nome; mas, se procuramos nos alojar no sem fundo



da queeridade, neste devir inconquistável, também precisamos ainda recorrer aos nomes e as delimitações, por mais que sempre *precários*. Desta precariedade do nomear e do delimitar, devemos apenas ter em mente que não há algo como os estudos queer, mas apenas uma multiplicidade expansiva e sempre renovada de práticas e teorias que procuram se alojar nisso que, retomando a mesma precariedade, chamamos de *queeridade*.

Em tempo: se hoje, muitos, sobretudo, alguns velhos fósseis marxistas, fazem coro à direita selvagem ao criticarem os estudos queer e militância contíguas sob a rubrica de *movimentos identitários*, tal classificação não poderia estar mais distante do que os estudos queer propõem e apresentam. Não se trata, mais uma vez, de identidades; não se trata de propor uma proliferação de identidades de gênero e sexualidade, como se se tratasse de colocar continuamente novos produtos em uma grande prateleira. Antes, os estudos queer, se sempre interessados na plurivocidade das identidades constitutivas da vida, se propõe antes o desmonte, a crítica, o tensionamento e a desidentificação do que a simples proliferação. Acusam de identitários os que operam na desidentificação – em uma clara falsificação das práticas e pesquisas queer. Quanto a isso, ainda uma palavra: acusa-se, no seio de certa esquerda, os assim chamados movimentos identitários de se aliarem ao neoliberalismo sob a forma de um diversionismo, posto a operar a fim de afastar a esquerda da luta de classes, o que, para eles, no fim e desde sempre, é o que verdadeiramente importa. Erige-se, deste modo, uma falsa oposição entre teoria queer e luta de classes, entre queeridade e marxismo que, ironicamente, é a operação mesma que o neoliberalismo propõe em seu diversionismo. Divide-se a militância e o pensamento em uma oposição artificial e sem sentido, pois não há opressão de gênero flutuando no ar, desimplicada das dinâmicas materiais de classe; tampouco, como demonstra Federici (2017), o capitalismo requer a dominação de gênero e sexualidade para se consolidar e operar. De Gayle Rubin (2017) a Preciado (2020), podemos observar a influência do marxismo no pensamento queer e negar estas relações e imbricamentos é o verdadeiro diversionismo posto a funcionar pelo neoliberalismo. Opor, como contraditórias, opressões que se apresentam entrelaçadas no funcionamento maquínico do capital global é o verdadeiro diversionismo – que os estudos queer, tanto quanto um marxismo desfossilizado, devem nos ajudar a enfrentar.



No presente dossiê, há de se encontrar uma grande transdisciplinaridade, com textos advindos de diversos campos do saber: literatura, filosofia, direito... A queeridade como movimento, por certo, não pode se restringir a nenhuma fronteira disciplinar específica, estando sempre em transbordamento em relação a todas as áreas. Mais que interdisciplinar, trata-se de um movimento *transdisciplinar*, se seguirmos a definição proposta por Gallo (2007) a partir de Deleuze e Guattari: não a relação entre dois campos disciplinares independentes, mas o entrelaçamento de conceitos, ideias e pesquisas que borram a própria distinção entre campos. Em termos acadêmicos, então, os estudos queer são transdisciplinares em imbricamentos imprevistos e relacionalidades inauditas – o que poderá ser observado nos textos do presente dossiê.

E mais: se da queeridade enquanto desidentificação temos a transdisciplinaridade como horizonte acadêmico, o que temos igualmente é um desdobramento queer em campos extremamente variados de reflexão e intervenção crítica. A fim de ilustrar este ponto, pensemos, em primeiro lugar, na obra de Judith Butler que, em *Problemas de Gênero* (2020) e em *Corpo que importa* (2011), procura operar uma desidentificação desnaturalizante do suposto sujeito do feminismo – a mulher. Neste esforço, Butler formula a muito comentada tese da performatividade de gênero em um movimento notadamente queer. Para Butler, não temos homem e mulher como atributos substanciais, mas apenas como efeitos emergentes de práticas sociais e discursivas que instauram *ex post facto* a existência do binarismo de gênero como aparentes realidades dadas. O gênero é performativo conquanto acontecimental, conquanto fruto das iterações estilizadas em termos corporais e também discursivos a partir do qual ele ganha a sua suposta estabilidade e naturalidade. Percebemos, neste argumento, aquilo que vimos a pouco com Foucault: a ontologia crítica de nós mesmo enquanto força desnaturalizante em uma insurgência ético-política contra a reificação identitária do dado.

Para além da imediata reflexão sobre o gênero e a sexualidade, os estudos queer se desdobraram no século XXI em um conjunto de reflexões sobre a ecologia, desnaturalizando o próprio papel que a natureza assumiu na modernidade. As ecologias queers se constituem, a partir dos estudos queer, como um campo de indagação sistemático sobre a relação normativa de uma



concepção de natureza que ainda vigora, sobre o estatuto do não humano e a suposta naturalidade do humano, a possibilidade de conceber o sexo para além da sua circunscrição ao *homo sapiens*, entre uma série de questões urgentes perante a catástrofe climática que se agrava. A natureza construída epistemologicamente no mundo moderno é constantemente mobilizada como fiadora moral das nossas ações e como aquilo que aqueles identificados às dissidências de sexo e gênero ofendem e contradizem. Como colocam Sandilands e Erickson (2010, 50): “A tarefa de uma ecologia queer é explorar as intersecções entre sexo e natureza visando desenvolver uma política sexual que mais diretamente inclua considerações sobre o mundo natural e sua constituição biossocial.” Desnaturalizar, assim, a própria concepção de natureza entendida como reino morto e vazio, mero recurso a ser apropriado pelo *antropos* e, ao mesmo tempo, como fundamento da moral biopolítica laicizada que projeta na natureza as normatividades de gênero e sexualidade de forma a entroná-las como verdades objetivas.

Ainda em termos de ecologia quer, Timothy Morton (2010), neste sentido, argumenta que a ecologia e a teoria queer são a mesma coisa. A ecologia demonstra como o indivíduo isolado é uma ficção; existir, como coloca bem Bruno Latour (2020), é estar imerso em uma rede de relações que fazem do indivíduo constituído um efeito situado na tecitura de uma miríade de redes indefinidamente desdobráveis. Assim, não há a identidade autorreflexiva e imediata do eu, da espécie ou do indivíduo; mas uma série de teias e nós imbricados. Se a ecologia nos demonstra este aspecto, os estudos queer igualmente operam por demonstrar como estas identidades são elas mesmas produzidas, de forma que a “ecologia e a Teoria queer são íntimas. Não é que o pensamento ecológico fosse se beneficiar de uma injeção de teoria queer de fora. É que, propriamente e plenamente, ecologia é teoria queer e teoria queer é ecologia: ecologia queer.” (Morton 2010, 281)

Podemos ver, no caso das ecologias queer, como o movimento de desidentificação se desdobra em um esforço crítico crescentemente amplo em seus esforços. Este mesmo movimento pode ser dito do pensamento queer sobre a temporalidade. Elizabeth Freeman (2010) cunhou o termo *cronormatividade* para expressar como o tempo se constitui a partir de relações de poder.



Pensemos no relógio em sua íntima relação com a regulação do trabalho no alvorecer do mundo industrial; pensemos na trajetória biográfica heteronormativa que rege ainda o nosso mundo e, na qual, viver é crescer, trabalhar e ter filhos. Para Freeman, ambos se constituem como parte de uma cronormatividade, uma gestão imperiosa do tempo que o faz aparecer, no seio desta normatividade, como sendo necessariamente de tal modo e a vida sob ele necessariamente orientada de uma forma e não de outra. Lee Edelman (2004), baseando-se na psicanálise, afirma que o vínculo constitutivo do social se dá em uma *temporalidade articulada ao futuro*. O campo comunal é, assim, permeado por um mandato: reproduzir-se para que se reproduza o vínculo social na esperança, sempre deferida, de que este futuro será pleno, redimindo a angústia da finitude e as dores do presente. A Criança é a figura que condensa imaginariamente esta orientação ao futuro e, por isso, tantas vezes vemos os conservadores de toda espécie bradando caninos que os LGBTs ameaçam as crianças e, mais radicalmente ainda, ameaçam a própria existência social na medida em que, entregues ao sexo não reprodutivo, comprometem o próprio futuro comum. Por isso, Edelman abraça a negatividade inerente à sexualidade em oposição à Criança com sua promessa de uma plena realização comunal. Em contraste com Edelman, José Esteban Muñoz argumenta que a queeridade constitui um horizonte utópico: “O futuro é do domínio da queeridade. O aqui e o agora são uma prisão. Nós temos que lutar, em face da representação totalizante do aqui e do agora, para pensar e sentir um depois e um lá.” (Muñoz 2009, 1). A queeridade, para Muñoz, enquanto não identidade, é abertura inscrita no aqui e no agora a partir do qual um novo possível se torna pensável. O que se manifesta como queer, no presente, é uma antecipação de um por vir que se opõe a reificação heteronormativa que, no presente, estrutura o mundo a partir dos seus ditames. Tanto Freeman, quanto Edelman e Muñoz, mostram como a queeridade e o tempo se entrelaçam, expressando, assim, como a desidentificação queer vai além de gênero e sexualidade.

Tempo, ecologia, gênero, sexualidade – vimos brevemente como os estudos queer operam movimentos críticos de desidentificação nestes vários campos. Vimos apenas algumas aberturas: áreas de investigação entre infinitas outras as quais o pensamento queer pode se voltar. E, no dossiê que se segue, poderemos ver este movimento em curso, em relação a pós-colonialidade, em relação



ao direito, à arte, ao gênero... Todos os textos guardam um elemento da mesma insurgência, a prisão do agora e das identidades que estruturam este agora com suas violentas exclusões sociológicas, políticas, epistemológicas, ecológicas. Desmontar, desconstruir, tensionar em uma dinâmica perpetuamente aberta que evoca o que Foucault (2000) observou no gesto crítico: *não, não seremos governados, assim e desta maneira.*

Referências Bibliográficas:

- Butler, Judith, *Problema de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. 1ª Edição. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- : *Bodies that matter: on the discursive limits of sex*. Nova York: Routledge, 2011.
- Edelman, Lee. “O futuro é coisa de criança: teoria queer, desidentificação e a pulsão de morte.” Trad. Daniel Kveller. Em: *Periódicos*, N. 14, v.2, 2021, pp. 248-275. <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/44273>
- _____. *No future: queer future and the death drive*. Londres/Durham: Duke University Press, 2004.
- Esteban Muñoz, José. *Cruising Utopia: the then and there of queer futurity*. 1ª Edição. Nova York/Londres: New York University Press, 2009.
- Deleuze, Gilles, Guattari, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2., Vol. 5*. Trad. de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012c
- Federici, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.
- Foucault, Michel. “O que são as luzes?” Em: *Ditos e escritos II – arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 3ª Edição Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 1ª Edição. Trad. de Maria Thereza Albuquerque e J. A. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- Freeman, E. *Time binds: queer temporalities, queer histories*. Londres/Durham Duke University Press, 2010.



Gallo, Sílvio. Currículo (entre) imagem e saberes Palestra proferida no V Congresso Internacional de Educação. São Leopoldo. Pedagogias (entre) lugares e saberes, 2007

Jagose, Annamarie. *Queer theory: an introduction*. 1a Edição. Nova Iorque: Melbourne University Press, 1996.

